

DECISÕES TRADUTÓRIAS PARA INTERAÇÃO COM O LEITOR BRASILEIRO NO UNIVERSO SEMIOLÓGICO DE LITERATURA DE FICÇÃO JUVENIL

TRANSLATION DECISIONS FOR INTERACTION WITH THE BRAZILIAN READER IN THE SEMIOLOGICAL UNIVERSE OF JUVENILE FICTION

DECISIONI DI TRADUZIONE PER L'INTERAZIONE CON IL LETTORE BRASILIANO NELL'UNIVERSO SEMIOLOGICO DELLA LETTERATURA PER GIOVANI ADULTI

Angela M. T. Zucchi

Universidade de São Paulo/FFLCH/DLM
PPG Língua, Literatura e Cultura Italianas

angelazucchi@usp.br

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. A teoria auxiliando a prática. 3. Sobre o texto original e decisões tomadas na tradução. 4. Conclusões. 5. Referências bibliográficas.

Resumo: Quando abordamos um estudo sobre tradução interlingual, deparamo-nos, decerto, com interculturalidade, com uma expressão linguístico-cultural inerente à comunidade da língua de partida (doravante LP) e o produto tradutológico da língua de chegada (LC) que busca exprimir tal cultura na língua de outra comunidade linguística. Podemos dizer que é o resultado de um processo de intermacrosemiótica, “processo entre semióticas-objeto pertencentes a culturas diferentes” (Pais, 2001). Quando o texto da LP é fruto de expressão cultural no campo da literatura infanto-juvenil encontramos tradições narrativas que se cruzam culturalmente no fazer imaginativo de criação de universos paralelos, realidades inventadas, magias, tradições às quais, muitas vezes, os jovens já estão habituados. No âmbito do processo tradutório (italiano-português) do livro *As terras mágicas de Mindendhil* (Mazzoli, 2013; trad. Zucchi, 2016), este trabalho aborda as decisões tradutórias de determinadas palavras e expressões que dão vida a tal mundo mágico e trata das soluções encontradas para conceber esse mundo representado na língua portuguesa para jovens brasileiros. O trabalho fundamenta-se nos Estudos da Tradução, em Aubert (1994), Morini (2007), Venuti (2018) e Berman (2002), e nas Ciências do Léxico, com Dick (1990; 2008), Amaral; Seide (2020) para a Onomástica; Tagnin (1989, 2013), Zucchi (2014, 2021) para Convencionalidade e Fraseologia. Através do conhecimento das especificidades do Léxico, a tradutora tem acesso à possibilidade de (re)construção semiótica de um universo concebido discursivamente pensando numa interação com seu leitor alvo.

Palavras-chave: Ciências do Léxico – Onomástica - Tradução – Literatura infantojuvenil

Abstract: When we approach a study on interlingual translation, we are certainly faced with interculturality, with a linguistic-cultural expression inherent to the community of the source language (henceforth LP) and the transdutological product of the target language (LC) that seeks to express such culture in the language of another language community. We can say that it is the result of a process of intermacrosemiotic, “a process between

object-semiotics belonging to different cultures” (Pais, 2001). When the LP text is the result of cultural expression in the field of children’s and youth literature, we find narrative traditions that cross culturally in the imaginative making of creating parallel universes, invented realities, magic, traditions to which young people are often already accustomed. In the context of the translation process (Italian-Portuguese) of the book ‘The magical lands of Mindendhil’ (Mazzoli, 2013; transl. Zucchi, 2016), this paper addresses the translation decisions of certain words and expressions that give life to such a magical world and deals with the solutions found to conceive this world represented in the Portuguese language for young Brazilians. The work is grounded in Translation Studies, in Aubert (1994), Morini (2007), Venuti (2018) and Berman (2002), and in Lexicon Sciences, with Dick (1990; 2008), Amaral ; Seide (2020) for Onomastics; Tagnin (1989, 2013), Zucchi (2014, 2021) for Phraseology. Through the knowledge of the specificities of the Lexicon, the translator has access to the possibility of semiotic (re)construction of a discursively conceived universe thinking of an interaction with his target reader.

Keywords: *Lexicon Sciences – Onomastic - Translation - Young Adult Literature*

Riepilogo: Quando ci avviciniamo a uno studio sulla traduzione interlinguistica, ci troviamo sicuramente di fronte all’interculturalità, a un’espressione linguistico-culturale propria della comunità della lingua di partenza (d’ora in poi LP) e al prodotto traduttivo della lingua di arrivo (LC) che cerca di esprimere tale cultura nella lingua di un’altra comunità linguistica. Possiamo dire che è il risultato di un processo di intermacrosemiotica, “un processo tra semiotica-oggetti appartenenti a culture diverse” (Pais, 2001). Quando il testo LP è il risultato di un’espressione culturale nel campo della letteratura per ragazzi, troviamo tradizioni narrative che si incrociano culturalmente nella creazione immaginativa di universi paralleli, realtà inventate, magia, tradizioni a cui i giovani sono spesso già abituati. Nel contesto del processo di traduzione (italiano-portoghese) del libro “Le terre magiche di Mindendhil” (Mazzoli, 2013; trad. Zucchi, 2015), questo articolo affronta le scelte traduttive di alcune parole ed espressioni che danno vita a tale mondo magico e tratta delle soluzioni trovate per concepire questo mondo rappresentato in lingua portoghese per i giovani brasiliani. Il lavoro si basa sui Translation Studies, in Aubert (1994), Morini (2007), Venuti (2018) e Berman (2002), e sulle Scienze del Lessico, con Dick (1990; 2008), Amaral; Seide (2020) per l’Onomastica; Tagnin (1989, 2013), Zucchi (2014, 2021) per la convenzionalità e Fraseologia. Attraverso la conoscenza delle specificità del lessico, la traduttrice ha accesso alla possibilità di (ri)costruzione semiotica di un universo discorsivamente concepito pensando a un’interazione con il proprio lettore di riferimento.

Parole-chiave: *Scienze del Lessico - Onomastica – Traduzione – Letteratura per ragazzi*

1. Introdução

Ao tratar das tomadas de decisão tradutória sobre específicas partes de um romance ficcional italiano para jovens, este trabalho aborda um fazer tradutológico realizado com base em correntes de estudos que se desenvolveram sob a égide da Semiótica, sendo eles os Estudos da Tradução e as Ciências do Léxico. Os Estudos da Tradução, como disciplina, são bastante diversificados e recentes quando comparados com a prática tradutória, que remonta centenas de

anos. Já as Ciências do Léxico, vem se afirmando no Brasil com esta denominação a partir dos trabalhos publicados sobre o léxico, a partir de diferentes perspectivas, pelos membros (e não exclusivamente) do Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Literatura e Linguística (GTLex da ANPOLL¹). Além das ciências presentes no nome do grupo de trabalho, seus membros se dedicam à Neologia; à Onomástica, que reúne a Toponímia (ou Toponomástica) e a Antroponímia (ou Antroponomástica); à Terminografia; à Fraseologia; à Fraseografia; à Paremiologia e à Paremiografia.

As Ciências do Léxico esmiuça o repertório lexical das comunidades linguísticas conforme o objeto a ser analisado, sejam eles lexemas, neologismos, termos, nomes próprios, fraseologismos, parêmsias, obras lexicográficas, terminográficas, fraseográficas, paremiográficas, oferecendo material de apoio ao tradutor e ampliando seu horizonte de compreensão contextual sobre a palavra, o signo verbal, seu primordial instrumento de trabalho.

No processo de transcodificação do texto da língua de partida (doravante LP) para a língua de chegada (LC), o tradutor permeia a semiótica das culturas, buscando primeiramente compreender globalmente o texto na LP, que na sequência vai ser produzido na LC. Essencialmente, com o objetivo de não haver perdas significativas na transmissão da mensagem original, procurando causar efeitos de leituras semelhantes aos provocados na LP ao ser recebida pela comunidade de leitores na cultura da LC. O tradutor transita entre os mundos semioticamente construídos e busca encontrar soluções tradutórias.

Neste trabalho, fazendo um recorte que privilegia os nomes próprios, apresento as reflexões teóricas subjacentes e os resultados das decisões tradutórias para a publicação em português de “As terras mágicas de Midendhil – a missão do último guardião”, de Davide Simon Mazzoli.

2. A teoria auxiliando a prática

Ao lidar com mundos, culturas e línguas diferentes, o tradutor transita em uma intermacrosemiótica, “processo entre semióticas-objeto pertencentes a culturas diferentes” (Pais, 2001) e tem em seu ofício a recorrente dificuldade em encontrar ‘a palavra certa’. Buscar a palavra que a comunidade linguística da LP utiliza para codificar um fato do universo natural ou cultural, fato para o qual às vezes não existe correspondência na LC.

Barbosa (1978) esclarece que o universo natural é percebido e codificado pelo homem com base em sua visão particular, de indivíduo ou de grupo, e não pela “natureza intrínseca, física e fisiológica” desse universo. A autora pondera que

existem diferentes universos; o primeiro deles, o natural, independe da ação codificadora do homem. Entretanto, a partir do momento em que este começa a atuar sobre aquele, reelaborando-o e gerando novos fatos – os fatos culturais, dependentes de sua ação codificadora – passa-se a uma visão particular e

1. <http://www.lettras.ufmg.br/gtlex/>

arbitrária, de tal forma que o homem não somente integra todos os dados de sua experiência como também a si mesmo se integra nos universos por ele criados. Tornam-se a sua realidade única e absoluta.

Chega-se, desse modo, ao universo referencial, antropocultural, em que cada elemento tem uma função, desempenho, e se define por suas relações de oposição, de dependência, aos outros elementos, formando uma imensa rede que pode ser estruturada em código. Esse universo antropocultural, que se apresenta como um primeiro nível de codificação da semiótica humana, é a substância que permite a organização de outro universo – o semiológico – que se constitui numa visão do anterior, e que, como ele, é diferentemente estruturado, segundo a cultura que lhe é subjacente(1978, p.21).

A cultura que subjaz o universo semiológico também é a base constitutiva dos nomes próprios dados pelo homem ao universo natural, aos seres vivos e a localidades, acidentes geográficos e biomas aquáticos. Essa parte denominativa do léxico é o campo da Onomástica, que se ocupa dos estudos das denominações em suas duas principais vertentes, como apresentam Amaral e Seide (2020, p.10), a Antroponímia, “que estuda os nomes próprios de pessoas, nomes individuais, parentais, sobrenomes, apelidos e alcunhas; e a Toponímia, que tem como objeto de estudo os nomes de lugares” em áreas rural e urbana.

Nomear é distinguir um entre muitos e assim como os pais pensam, discutem e finalmente escolhem os nomes de seus filhos, também autores literários batizam seus personagens. O escritor italiano Italo Calvino (2002, p.8)² declara não conseguir ir adiante na escrita até que não consiga dar um nome adequado ao seu novo personagem, aquele que seja “o único nome para aquele personagem”, enquanto, diz ele, há outros autores que se utilizam de nomes comuns casuais, quase como se fossem números. Em sua busca de verossimilhança na narrativa, os autores podem trazer para a literatura motivações condizentes com o viver em sociedade, em que há necessidade de distinguir-se e reconhecer-se.

Uma das precursoras dos estudos onomásticos no Brasil, Dick (1990, p. 178) sublinha a questão da distinção entre os indivíduos e o caráter social e cultural dos nomes no âmbito dos grupos sociais, uma vez que os antropônimos além de referir os indivíduos “permitem e possibilitam os núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da denominação de seus membros”.

Algumas vezes os nomes próprios possuem uma motivação em sua origem, mas nem sempre isso ocorre como afirma Dick (2008):

Nem sempre o nome reproduz no terreno (ou no indivíduo) o semanticismo da forma ou a ideia conceitual que condiciona o seu emprego, tornando, por vezes, excessivamente opaco ou inexplicável, o batismo ocorrido. Quando isso ocorre, e o fato não é tão raro assim, cresce a necessidade de se reconstruir todo

2. Artigo publicado originalmente na revista “Epoca” em 27 de setembro de 1952.

o processo gerativo da denominação até se formalizar no enunciado final, seja um sintagmatopônimo ou um conjunto antroponímico (p. 217).

O tradutor, mesmo não sendo um pesquisador em Toponímia ou Antroponímia, se vê às voltas de reflexões e pesquisas sobre os nomes de pessoas, personagens e lugares reais ou fictícios para melhor representar semiologicamente a realidade que está para recriar e transmitir na LC.

Um exemplo da dificuldade que os nomes podem trazer foi contado, em tom de anedota de ofício, por Umberto Eco em uma de suas crônicas na revista semanal italiana *L'Espresso*, para a qual contribuiu por décadas. O semiótico, tradutor, escritor italiano, também fazia revisões de tradução e se deparou com o nome em italiano *Giovanni, il battezzatore*. A pergunta que se fez foi “mas será que o tradutor desse texto do alemão para o italiano nunca frequentou uma aula de catequese?” O nome em alemão é *Johannes, der Täufer*, literalmente “João, o batizador”. O espanto de Eco era que o tradutor italiano não conhecia o nome próprio em italiano do santo *Giovanni Battista*, ‘João Batista’ em português.

Nota-se o uso do sufixo *-er* para o alemão (*Täufer*) e o sufixo *-ista* em italiano, como em português, sufixo que traz a noção do ofício no nome daquele que se ocupa do batismo (*die Taufe*, em alemão; *ilbattesimo*, em italiano, o batismo em português). O tradutor que inovou nomeando um santo inexistente em italiano *Giovanni, il battezzatore*, criou o nome com base no sufixo *-tore* existente na língua italiana e que designa nomes de profissões ou atividades, como *calciatore* (jogador de futebol), *ascoltatore* (ouvinte). Contudo, a tradição nas línguas latinas levou a consolidar o nome com o sufixo ‘-ista’, *Battista*, em italiano, Batista, em português. O fator motivador originário do nome com a palavra “batismo”, dada a história do santo que batizou Jesus no rio Jordão, atualmente, talvez seja opaco à maioria dos falantes.

Portanto, o tradutor, além de ter noções da formação de palavras, precisa reconhecer a convencionalidade, ou seja, como uma comunidade linguística convencionou usar determinados nomes, combinações de palavras (colocações, binômios), inclusive na ordem que estas se apresentam, denominações e valores para pesos e medidas³, mesmo que haja claras correspondências entre diferentes línguas podem não ser o que a princípio aparenta ser.

Portanto, a recomendação que se faz a um tradutor iniciante (MORINI, 2007) é válida para qualquer tradutor: ler atentamente a obra a ser traduzida, pesquisar o que lhe parece ser peculiar da própria LP para uma boa compreensão e pesquisar novamente na etapa de produção textual na LC, almejando um texto fluído, mas correspondente ao original.

A fluidez ou naturalidade que se deseja no texto de chegada é possível justamente quando se conhece o que é convencional na LC, além de outros fatores. O primeiro deles que costumo abordar como professora na disciplina de introdução à prática da tradução é: o tradutor toma decisões a cada palavra, a cada expressão que traduz. A questão é: em base a que as decisões são tomadas? Para tanto, os Estudos da Tradução nos ajudam. Aubert, em seu livro “As (in)fidelidades da tradução”, de

3. Ver Tagnin 1989, 2013 e Zucchi, 2014, 2021.

1994, expõe uma adequada reflexão sobre o ato tradutório no qual estão presentes: 1. participantes: autor – tradutor – leitor (e ainda agentes intermediários ou cliente); 2. códigos: tradução intralingual, interlingual ou intersemiótica; 3. canais: impresso ou oral, hoje pensamos na escritas plataformas digitais (celular, chats etc.); 4. dimensão temporal, qual o momento cronológico da escritura do texto original e da leitura do texto alvo. A reflexão sobre essas questões nos ajuda a traduzir e a tomar decisões conscientes. Outros estudiosos da tradução que nos levam à reflexão do papel do tradutor e de como sua postura influencia no produto final, ou seja, a tradução na LC, são Berman e Venuti. Venuti (2018/1995) nos fala da desejada invisibilidade do tradutor e que este não pode ser invisível, pois sua visão de mundo e suas escolhas tradutórias marcam seu trabalho. Berman (2002/1984) discorre sobre a visão de mundo (*Weltanschauung*), sobretudo a partir da tradição alemã na tradução, e aponta como positivo para o trabalho da divulgação literária que seja promovido o estranhamento das culturas, que sejam percebidas as diferenças. Berman coloca-se contrário à visão da domesticação do texto, de transformar o texto na LC tão ‘natural’ que pareça ter sido escrito naquela própria língua, o que pode levar a uma adaptação do texto original e não sua tradução.

À luz dessas reflexões, realizei a tradução de *As terras mágicas de Midendhil*, levando em consideração, principalmente, os participantes do ato tradutório – autor, tradutor, leitor - e ponderando que o texto de chegada não se aproximasse a uma adaptação, mas que pudesse trazer também elementos de estranhamento ao leitor relativos à cultura em que foi originado, ainda, elementos que indicassem as intenções do autor.⁴

3. Sobre o texto original e decisões tomadas na tradução

As terras mágicas de Midendhil – a missão do último guardião é o título do primeiro livro⁵ da saga, de uma coleção de quatro, onde se iniciam as aventuras de Leonardo, um adolescente que vive em uma pequena cidade da Toscana com seus pais, frequenta a escola e se prepara para o início das férias. Ele começa a ter dúvidas sobre seus sentimentos em relação a sua melhor amiga chamada Maya, não suporta um de seus professores e não se dá bem com o valentão da classe. Enfim, tem uma vida normal. Inesperadamente, em uma única noite, descobre que é filho adotivo e vê todo seu pacato mundo se transformar em um grande pesadelo ao ser transportado para a dimensão paralela chamada Midendhil, onde vivem feiticeiros, fadas, bruxas e monstros horripilantes.

Vemos nesse romance a criação, através de signos verbais, de um universo semiológico pautado em uma cultura de fantasia contemporânea cujos referentes são compartilhados por um determinado público de leitores. Atualmente, há uma tradição de literatura infantojuvenil, principalmente de origem em língua inglesa, que depois é traduzida e difundida para todo o mundo, seja por livros ou pelo cinema. O público-alvo está habituado às narrativas de mundos fantásticos. *As terras mágicas de Midendhil* foi escrito por Davide Simon Mazzoli, um escritor

4. Durante o período do processo tradutório mantive contato com o autor.

5. O original em italiano possui 407 páginas e a tradução em português 432.

italiano que mora na Flórida, nos Estados Unidos. Há claramente elementos da cultura desse tipo de romance que se vale das tradições da literatura greco-romana, como a figura do herói, mas nesse caso, em particular, há elementos das culturas oriental, ameríndia e africana, principalmente ao tratar de espiritualidade. Há elementos da cultura jovemnorte-americanae elementos da cultura italiana, sobretudo aqueles relacionados à gastronomia e ao afeto familiar. E como traduzir esse universo semiológico para a língua portuguesa do Brasil?

Primeiramente, seguindo a etapas no ato tradutório segundo Morini (2007) e tantos outros tradutores experientes, é fundamental realizar a leitura global do livro e imergir na narrativa ficcional. Buscar perceber as intenções do autor pela seleção lexical, pelo modo como ele estabelece a comunicação dialógica entre seus personagens e qual nível de registro linguístico utiliza. A tradução não se inicia na palavra por palavra, frase por frase, mas na compreensão da complexidade do todo.

Uma vez esclarecidas dúvidas de compreensão, com pesquisas sempre que for necessário, e tendo uma ideia global do texto a ser produzido na língua portuguesa, é iniciada a transcodificação em uma linguagem que visa o leitor brasileirojovem e que busca manter a essência do texto original escrito em italiano.

Neste trabalho, apresento as decisões tradutórias relativas a alguns dos nomes próprios, antropônimos e topônimos, e dos nomes relativos à gastronomia presentes no livro. Neste primeiro quadro apresento alguns antropônimos na LP (italiano) na primeira coluna e seus correspondentes na LC (português do Brasil) na segunda coluna, enquanto na terceira coluna apresento a função do referido personagem.

Quadro n.1 – Tradução de alguns antropônimos

Nome LP (italiano)	Nome LC (português)	Personagem
Leonardo, l'ultimo custode	Leonardo, o último guardião	Protagonista, o herói que deve salvar as terras de Midendhil
Maya	Maya	A amiga e quase namorada do herói
Simone	Simon	Primeiro namorado de Maya
Vittorio, ilguardiano	Vitório, o defensor	Tio do protagonista, um dos defensores, que tem a função de proteger o herói e os reinos de Midendhil
Aldo, l'Omone	Aldo, o Homão	Funcionário da loja do pai do herói, também um dos defensores
Cristiano	Cristiano	Funcionário da loja do pai do herói, também um dos defensores
Mario	Mário	Bedel da escola, também um dos defensores
Silischia	Siliskia	A bruxa atrapalhada, a serviço de Kenat

Feghin	Feguin	O bruxo atrapalhado, a serviço de Kenat
Antedios	Antédios	O bruxo capataz, supervisor de Siliskia e Feghin, a serviço de Kenat
Kenat, il Grande Sovrano	Kenat, o Grande Soberano	Antagonista, a representação do Mal

Como se vê, há nomes comuns nas duas línguas, uns que são idênticos como Leonardo, Cristiano, Maya e Aldo, e outros que precisam de adaptações gráficas para a LC como Vitório e Mário. Enquanto o nome masculino em italiano *Simone* não poderia ser utilizado, porque no Brasil é nome feminino e seu correspondente em português, Simão, é um nome que remete a pessoas mais velhas, não a um adolescente nos dias de hoje. Fato que não ocorre com *Simone* na Itália. Optei, então, pela versão em inglês ‘Simon’, que poderia nomear adequadamente o adolescente, um personagem secundário causador de ciúmes no protagonista.

Já para a alcunha “Homão”, que acompanha o personagem Aldo, motivada pela sua compleição, foi favorecida a tendência da língua falada, a despeito da forma gramaticalmente indicada do aumentativo de ‘homem’, que é ‘Homenzarrão’, correspondente em italiano a *Omone*.

Para conservar o efeito de estranhamento nos nomes dos personagens malignos, os bruxos, foram mantidos seus nomes originais, mas com adaptação gráfica de *Silischia* para “Siliskia” para pronúncia semelhante em português, enquanto “Feguin” recebeu dígrafo ‘gu’, correspondente para a produção do som italiano *gh*.

A primeira decisão tradutória mais complexa a ser tomada foi relativa ao subtítulo (*la missione dell’ultimocustode*) e à função do protagonista Leonardo, o herói cuja missão é salvar as terras de Midendhil. Em italiano a palavra *custode* é de uso frequente, assim como o verbo *custodire*, que possuem em seu significado a noção de guardar, cuidar com zelo para proteger e conservar. O nome em italiano do ente protetor de tradição cristã “anjo-da-guarda” é *angelocustode*. Existe em português o adjetivo ‘custódio’, cuja definição oferecida pelo dicionário eletrônico Houaiss⁶ é “que tem a função de guardar ou proteger alguém ou algo” que seria a primeira opção a se pensar pela semelhança fonética e pelo significado no contexto. Porém, não é um adjetivo usual no português do Brasil, possivelmente pouco conhecido entre os jovens. A falta de transparência de seu significado, uma vez que também o verbo em português “custodiar” não é frequente na língua comum, impediria o efeito de apresentação da narrativa que o subtítulo oferece. A palavra selecionada em português foi ‘guardião’, que mantém a noção de cuidador e é relativamente usual na literatura infantojuvenil. O subtítulo ficou ‘A missão do último guardião’. O eco em ‘ão’ de ‘missão’ e ‘guardião’ não era desejado, mas não foi encontrada opção mais adequada para *custode*.

A escolha da palavra ‘guardião’ para o papel do protagonista também está relacionada com a função dos outros personagens. Como se vê no quadro 1, há alguns personagens que

6. https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#4

devem proteger Leonardo e na LP, em italiano, são chamados de *guardiano*. O correspondente em português seria naturalmente “guardião”, mas não poderia ser usado esse item lexical que já denominaria a função do protagonista pelas razões anteriormente expostas. Foi escolhido, então, o substantivo e adjetivo ‘defensor’, que cumpre a noção de proteção e defesa. Esta escolha implica na tradução de um lugar, como se vê a seguir, no quadro dos topônimos.

Quadro n.2 – Tradução de alguns topônimos

Nome LP (italiano)	Nome LC (português)	Descrição do lugar
Torre dei Guardiani	Torre dos Defensores	O coração da Ordem dos Defensores
Lokegir	Lokegir	A cidade de onde vieram os bruxos, Siliskia e Feghin, mas também o feiticeiro defensor Tio Vitório
GrottediNoux	Grutas de Noux	Lugar de onde foram liberados os monstros
Reame di Celicnon	Reino de Celicnon	Reino de onde vem Aldo
Villaggio di Ialon	Vilarejo deIalon	Reino de onde vem Mário
VillaggiodiTamon	Vilarejo de Tamon	Reino de onde vem Cristiano
Midendhil	Midendhil	A terra da outra dimensão, o universo mágico

É necessária singular atenção na leitura nos topônimos e antropônimos, é preciso perceber a evolução da narrativa para se realizar a tradução. A Torre dos Defensores (*La torre dei Guardiani*) é referida em momento posterior ao momento em que são identificados os defensores/*guardiani*, quando é revelado o mundo de Midendhil na dimensão paralela ao mundo real. Se, no início, o tradutor não observa, reflete e decide pela seleção de nome mais adequado, ao se deparar com o nome do lugar, corre o risco de traduzir pelo correspondente mais óbvio, ‘Torre dos guardiões’ ou ‘guardiões’, o que poderia levar o leitor a uma interpretação equivocada das funções dos personagens e desse lugar.

Os topônimos exemplificados demonstram a criatividade do autor em nomear lugares fictícios e como ele se vale da grafia, usando a letra *k* e sílabas terminadas em consoantes, de forma a diferenciar uma denominação do que seria comum na língua italiana, cujas palavras caracterizam-se por terminar em vogal. Às vezes, partiu de um nome existente para criação de outro, como a corruptela do nome de uma gruta pré-histórica na França, Grotte de Niaux pelo topônimo ficcional Grutas de *Noux*. Tais características foram mantidas nos topônimos na LC também para causar estranhamento e preservar as intenções do autor.

Em relação aos nomes relativos à gastronomia, percebe-se que às vezes foram criados nomes totalmente novos e às vezes foram citados pratos ou doces com referência àqueles existentes no mundo real. Os alimentos aparecem em vários capítulos em momento de confraternização familiar, em momento de restauração física após algum incidente de fuga e luta e em um momento específico de festa típica de um vilarejo, que remete claramente às festas tradicionais de aldeias europeias onde há variadas guloseimas.

Quadro n.3 – Tradução de alguns nomes relativos à gastronomia

Nome LP (italiano)	Nome LC (português)
Bigné (pasta choux)	Carolinas (pasta choux)
Torta al cioccolato di tre piani	Bolo de chocolate de três andares
Unghie di Zucchero alla Violetta	Unhas de Açúcar sabor Violeta
Confetti Spaccadenti	Confeitos Quebradentes
Caramelle Bolle diFuocodolce	balas Bolhas de Fogodoce
Zuppalippa	Sopalippa
GelatineSaggiamente	Balas de goma Sábiabala
Panaka	Panakà

A tradução de nomes gastronômicos de um universo semiológico construído em um mundo de magia requer especial atenção para a manutenção dos elementos mistos entre realidade e magia escolhidos pelo autor, sua criação neológica e o efeito de sentido na recepção desses nomes na LC. Alguns deles como *Bigné* e *Torta al cioccolato ditre piani* correspondem a iguarias doces comuns no mundo real e com nomes correspondentes nas duas línguas, ‘carolinas’ e ‘bolo de chocolate’. Outros se valem de nomes estranhos para doces comuns, como *Unghiedi Zucchero allaVioletta*, que dá nome a um tipo de bala e foi traduzido por ‘Unhas de Açúcar sabor Violeta’, com o cuidado de incluir a palavra ‘sabor’, uma vez que em italiano a preposição articulada *alla* precedida do nome de fruta, ou no caso da flor violeta, indica o sabor do ingrediente incluído na receita.

Ao passo que outros nomes são construídos morfológicamente por justaposição e seus componentes foram traduzidos de forma literal, como *confetti Spaccadenti* por ‘confeitos Quebradentes’ e *caramelle Bolle diFuocodolce* por ‘balas Bolhas de Fogodoce’. Por sua vez, *Zuppalippa*, por ‘Sopalippa’, foi uma decisão tradutória manter aparte final do nome original com o início ao referente ‘sopa’ pelo efeito sonoro do neologismo, uma vez que *-lippa* em italiano não é sufixo e não foi percebido como parte de outro vocábulo.

Ao contrário, o nome das ‘balas de goma Sábiabala’, continha em seu nome original, *gelatine Saggiamente*, a formação por aglutinação entre as palavras *saggia* (sábia) e *caramelle* (balas), na qual esta última palavra perdeu seu início, mas se percebe a formação com seu final *-melle*. Em português, a palavra ‘bala’ possui somente duas sílabas, o que levou a tomar uma decisão diferente. Um possível neologismo por aglutinação seguindo o mesmo modelo do original seria ‘balas de goma Sábiabala’. Nessa construção, o sentido da segunda palavra ‘bala’ não seria percebido na sua pronúncia, como acontece com *Saggiamente*, dado que a palavra *caramelle* é formada por quatro sílabas e as duas últimas utilizadas no neologismo italiano transmite a percepção de seu significado.

Já o nome criado para a bebida mágica *Panaka*, traduzido por ‘Panaká’, continuou semelhante, mas recebeu em português o acento agudo na última sílaba, transformando-o em oxítone, para distinguir do adjetivo pejorativo informal ‘panaca’ usado no português do Brasil.

4. Conclusões

A tradução que levou à publicação ‘As terras mágicas de Midendhil – a missão do último guardião’ suscitou desafios de vários tipos, mas ao mesmo tempo proporcionou a oportunidade de recriarem língua portuguesa um universo semiologicamente construído para o público infantojuvenil brasileiro. Neste trabalho, foram apresentados alguns dos nomes próprios, antropônimos e topônimos, alguns dos nomes relativos à gastronomia da fantasia presente na narrativa e o processo das tomadas de decisão sobre como traduzir esses nomes. Espera-se, em futuro próximo, apresentar também o processo tradutório das expressões fixas, idiomáticas e convencionais ao longo do texto. A tradução foi embasada na busca de proporcionar ao jovem leitor brasileiro experiência de leitura fluída numa aventura em um mundo fantástico com características específicas concebidas pelo autor para a narrativa, mas também oferecer nuances de estranhamento típicas de um livro que não foi escrito em língua portuguesa. Traduzir é compreender e dizer a partir de reflexões anteriores.

5. Referências Bibliográficas

- AMARAL, E.T.R; SEIDE, M.S. **Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.
- AUBERT, F. H. **As (in)fideliades da tradução**. Campinas: Unicamp, 1994.
- BARBOSA, M.A. **Língua e Discurso** – contribuição aos estudos semântico – sintáxico. São Paulo: Editora Plêiade, 1978.
- BERMAN, A. **A prova do estrangeiro** Bauru: EDUSC, 2002.
- CALVINO, I. **Mondo scritto e mondo non scritto**. Milano: Oscar Mondadori, 2002.
- DICK, M.V. P.A. A toponímia como meio de investigação linguística e antropocultural. In ISQUERDO, A.N. **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil - Portugal**. Campos Grande, MS: Ed. UFMS, 2008, (p. 215 a 231)
- DICK, M.V. P.A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. São Paulo: USP, 1990.
- MAZZOLI, D. S. **Le terre magiche di Midendhil** – la missione dell’ultimo custode. Milano: Sperling & Kupfer, 2013.
- MAZZOLI, D. S. **As terras mágicas de Midendhil**– a missão do último guardião. [Tradução para o português: Angela M. T. Zucchi] São Paulo: Benvirá, 2016.
- MORINI, M. **La traduzione** - Teorie, strumenti, pratiche. Milano: Sironi, 2007.

PAIS, C. T. Do processo de conceptualização, da produção lexical e da produtividade discursiva In: **IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_41-58.html

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. 2ª Ed. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018.

TAGNIN, S.E.O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TAGNIN, S.E.O. **O jeito que a gente diz**. Barueri, SP: Disal Editora, 2013.

ZUCCHI, A. M. T. Orientación na universidade para a multiplicación dos estudos fraseolóxicos. **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, v. 21, 2021(p.105-134) Disponível online: http://www.cirp.gal/pub/docs/cfg/cfg21_05.pdf

ZUCCHI, A. M. T. Exemplos de colocações em dicionários de língua portuguesa e de língua italiana. In: ISQUERDO, A.N.; DAL CORNO, G.O.M. (Org.) **As ciências do Léxico Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014, v. VII, (p. 243-259)